

"Este túmulo cavado para lá das lágrimas"

Domingo
29/3/87

por Calane da Silva

No próximo dia 11 de Maio Gulamo Khan faria 37 anos. Ontem, sábado, dia 28 de Março, quatro meses depois da sua morte, amigos e colegas dedicaram-lhe um «M'Sahò» de homenagem no jardim Tunduro, onde tantas vezes fez ouvir a sua voz impar declamando poesia.

Partiu cedo este camarada das letras, este jornalista, este declamador emérito, quiçá o maior que Moçambique teve.

Morreu jovem, este jovem poeta que odiava a mediocridade, deixando por completo o seu primeiro livro, o «Moçambicantò».

Quase que como a pressagiar M'Buzini, disse Gulamo no fim de um dos seus poemas desse livro por acabar: «aprenderemos a respirar este túmulo cavado para lá das lágrimas».

Nascido no bairro da Mafalala, na capital do país, Gulamo Khan foi também o menino pobre crescido nas casas de madeira-zinco. Primogénito de muitos irmãos, conseguiu com sacrifício estudar e acabar o secundário, tendo até chegado a matricular-se no primeiro ano do Curso de Direito, isto após a conquista da Independência Nacional.

Quase vizinho de José Craveirinha, por quem nutria uma admiração e um desvelo como se do próprio pai se tratasse, vem-lhe certamente do convívio e da leitura dos versos do poeta a sua crescente consciência nacionalista e o amor pelas artes em geral e pela poesia em particular.

As prisões políticas de muitos conhecidos e amigos, entre os quais do próprio José Craveirinha, de que foi testemunha, o serviço militar compulsório no exército colonial, que lhe proporcionaram a visão por dentro desta máquina servidora do sistema, acabaram por alicerçar-lhe ideias sobre a necessidade da luta armada pela liberdade e independência.

Atento à pobreza que o rodeava, já num poema datado de 1972 e sob o título «Capitães da Rua», dizia Gulamo:

(...)

Como gazelas espantadas
encolhem o ventre e mordem
os lábios
secos pela aridez da fome
A mão retrai-se e o gesto
silenciosamente pedem
— Dó quinhenta!

Era a realidade a absorver-lhe o pensamento e são desses tempos os saraus meio clandestinos em casa dos amigos onde declamava versos então proibidos de Noémia de Sousa e Craveirinha.

Desse tempo de palavras escondidas, o jovem poeta Gulamo Khan, sensível e amargurado pelas sevícias feitas ao povo, libertava seus sentimentos em versos de revolta e dor. De 1973, num poema dedicado ao Stélio, filho de Craveirinha, escrevia a certo passo:

(...)

Um vômito de angústia povoou a palavra
Ah o corpo arrastando o medo
que se vendia na rua
faz crescer a semente esmagada.
Dentro de nós
Um polícia bêbado patrulha
a clandestinidade.



Gulamo Khan, uma voz poética que a história literária não fará morrer

Chega a Independência tão desejada. Gulamo Khan nessa altura pertencia já às hostes jornalísticas, como locutor e repórter radiofónico. Histórica foi a viagem e a respectiva reportagem do Presidente Samora Machel do Rovuma ao Maputo, terminando na capital, nas vésperas do 25 de Junho.

Cobrinco acontecimentos em todo o país, reportando em directo comícios populares, o nome e a voz de Gulamo Khan começavam a ser conhecidos em todo o território nacional. Acompanhando frequentemente o Chefe do Estado, em cujo avião também sucumbiu no fatídico 19

de Outubro, Gulamo conhece muitos e diferentes países nos cinco continentes.

Em 1982, aquando da criação da Associação dos Escritores Moçambicanos, é eleito para membro do respectivo Secretariado. Datam também dessa altura a organização de vários e importantes saraus de poesia em que Gulamo, para além de participar na sua realização, é um dos principais declamadores. Extraordinário a dizer poesia e especialmente a do Craveirinha, seu timbre inconfundível acabou por morrer sem que um disco seu fosse gravado, como insistiam que o fizesse seus amigos e simpatizantes da arte poética. Dizia que não tinha pressa em publicar o seu primeiro livro. Que não gostava da mediocridade, que os seus poemas tinham de ser sempre e cada vez mais trabalhados.

Talvez por isso deixou o seu «Moçambicantò» — nome que já tinha escolhido para o seu livro — incompleto. Poemas esboçados alternam-se no caderno que deixou, com poemas completos, diga-se, aparentemente completos, pois ainda se podem verificar rascunhos e acrescentos deixados ao lado dos versos.

Termino este curto esboço pético-biográfico de Gulamo Khan, que quis propositadamente publicar aqui no «Domingo» onde foi responsável pela página de Artes e Letras durante muito tempo, com a transcrição do poema que deu título ao «Moçambicantò»:

cêleres as águas
zanbezeam pela memória
das almadias do silêncio
nem o zumbido da cigarra
me entontece

nem o troar do tambor
me ensurdece

as vozes que são
sulcos das nossas esperanças

Oh pátria
moçambiquero-te
neste alumbramento
e amar-te
devo-o à carne e ao nervo
deglutidos em revolta.



Membros da Associação dos Escritores Moçambicanos eleitos para diversos cargos no dia da criação da AEMO. Gulamo Khan é o primeiro da esquerda



Uma sessão de dinamização literária com futuros professores numa das escolas de formação da capital. Gulamo usando da palavra